

A História Oculta do Versículo Quarenta — Número Vinte e Nove

Ezequiel Número Dez

Jeff Pippenger

2026-08-31

Há muitas linhas e verdades proféticas admiráveis e importantes no livro de Ezequiel. Das ilustrações bíblicas de profetas dentro do templo, Ezequiel é aquele que, acima de todos os outros, identifica as rodas dentro das rodas. Essas rodas, segundo a Irmã White, representam a complexa interação da atividade humana, ilustrando a sequência de acontecimentos no tempo da chuva serôdia. Esses acontecimentos são representados pelo profeta quando ele se tornou parte da profecia em uma parábola encenada, como quando Ezequiel se deita sobre o seu lado esquerdo e depois sobre o direito na ilustração do cerco de Jerusalém no capítulo quatro. Há também treze datas específicas que delineiam a história de Ezequiel e, ao fazê-lo, fornecem os marcos do período da chuva serôdia, quando os cento e quarenta e quatro mil são selados. Há verdades comunicadas não apenas por meio de datas, mas também por números como dezessete, dezenove, vinte e cinco, setenta, quarenta, trezentos e noventa e, naturalmente, trinta. Outro número que talvez seja o mais importante no livro de Ezequiel é o número cento e cinquenta. Contudo, o número cento e cinquenta não se encontra no livro de Ezequiel. Ainda assim, linha sobre linha — ele está ali.

O número cento e cinquenta está profeticamente inserido dentro da linha do cerco, e o cerco é uma linha profética distinta; ou, se preferirdes, o cerco é uma roda. Uma linha profética da história sempre possuirá um alfa e um ômega, e, sendo assim, as características do alfa e do ômega devem estar representadas no princípio e no fim da linha, ou então não é uma linha. O acontecimento alfa do cerco foi a morte da esposa de Ezequiel, e o fim do cerco foi a morte da noiva de Cristo, conforme representada pela destruição de Jerusalém.

E eu, João, vi a santa cidade, a nova Jerusalém, que de Deus descia do céu, adereçada como uma esposa ataviada para o seu marido. E ouvi uma grande voz do céu, que dizia: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles e será o seu Deus. E Deus limpará de seus olhos toda lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas. E o que estava assentado sobre o trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E disse-me: Escreve; porque estas palavras são verdadeiras e fiéis. E disse-me mais: Está feito. Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim. A quem quer que tiver sede, de graça lhe darei da fonte da água da vida. Quem vencer herdará todas as coisas; e eu serei seu Deus, e ele será meu filho. Mas, quanto aos tímidos, e aos incrédulos, e aos abomináveis, e aos homicidas, e aos devassos, e aos feiticeiros, e aos idólatras, e a todos os mentirosos, a sua parte será no lago que arde com fogo e enxofre; o que é a segunda morte. E veio a mim um dos sete anjos que tinham as sete taças cheias das sete últimas pragas, e falou comigo, dizendo: Vem cá, mostrar-te-ei a esposa, a mulher do Cordeiro. Apocalipse 21:2–9.

A esposa de Ezequiel morre no início do cerco, e ali ela é identificada como o “desejo dos” “olhos” de Ezequiel; e, na destruição de Jerusalém apresentada no mesmo capítulo, Jerusalém é identificada como “o desejo” dos “olhos” de Israel.

Novamente, no nono ano, no décimo mês, aos dez do mês, veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: ... Veio também a mim a palavra do Senhor, dizendo: Filho do homem, eis que tiro de ti, com um golpe, o desejo dos teus olhos; contudo, não prantearás nem chorarás, nem te correrão as lágrimas. Suspende o clamor, não faças luto pelos mortos, ata sobre ti o adorno da tua cabeça, e põe os teus sapatos nos pés, e não cubras os lábios, nem comas o pão dos homens. Assim falei ao povo pela manhã; e, à tarde, morreu minha mulher; e fiz pela manhã como me fora ordenado. E o povo me disse: Não nos farás saber o que significam para nós estas coisas que fazes?

Então eu lhes respondi: Veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: Fala à casa de Israel: Assim diz o Senhor Deus: Eis que profanarei o meu santuário, a glória da vossa força, o desejo dos vossos olhos e aquilo de que a vossa alma se compadece; e vossos filhos e vossas filhas, que deixastes, cairão à espada. E fareis como eu fiz: não cobrireis os vossos lábios, nem comereis o pão dos homens. E os vossos turbantes estarão sobre as vossas cabeças, e os vossos sapatos, nos vossos pés; não vos lamentareis nem chorareis; mas definhareis por causa das vossas iniquidades e gemereis uns com os outros.

Assim Ezequiel vos será por sinal; conforme tudo quanto ele fez, assim fareis vós; e, quando isto vier, sabereis que eu sou o Senhor Deus. Também tu, ó filho do homem, porventura não será no dia em que eu lhes tirar a sua fortaleza, o gozo da sua glória, o desejo dos seus olhos e aquilo em que põem a sua mente, seus filhos e suas filhas, que naquele dia o que escapar virá a ti, para to fazer ouvir com os teus ouvidos? Naquele dia se abrirá a tua boca para com o que houver escapado, e falarás, e não ficarás mais mudo; e tu lhes servirás de sinal; e saberão que eu sou o Senhor. Ezequiel 24:1, 15–27.

O alfa do cerco é a morte do desejo de Ezequiel, e o ômega é a morte do desejo de Israel.

Ouvindo, mas Não Ouvindo

Há cinco ocasiões em que os anciãos ou o povo são apresentados, de algum modo, como ouvindo Ezequiel. Em Ezequiel 8:1, os anciãos de Judá assentam-se diante dele. Em Ezequiel 14:1, os anciãos vêm e assentam-se diante dele. Em Ezequiel 20:1, os anciãos de Israel vêm para consultar ao Senhor. Em Ezequiel 37:18, Deus diz a Ezequiel: “Quando os filhos do teu povo te falarem, dizendo: Não nos farás saber o que queres dizer com estas coisas?” No capítulo vinte e quatro o povo pergunta diretamente: “Não nos farás saber o que significam para nós estas coisas, que assim fazes?” Em cada uma das cinco ocasiões, os anciãos ou o povo se encontram numa condição laodiceana.

E disse ele: Vai, e dize a este povo: Ouvi, de fato, mas não entendais; e vede, de fato, mas não percebais. Engorda o coração deste povo, torna-lhe pesados os ouvidos, e fecha-lhe os olhos; para que não veja com os seus olhos, nem ouça com os seus ouvidos, nem entenda com o seu coração, nem se converta, e seja sarado. Isaías 6:9, 10.

As cinco representações do povo ouvindo, mas não ouvindo, e as cinco representações do povo vendo, mas não vendo, correspondem aos cinco passos daqueles que se recusam a ver e a ouvir no testemunho de Isaías.

Mas a palavra do Senhor lhes foi preceito sobre preceito, preceito sobre preceito; regra sobre regra, regra sobre regra; um pouco aqui, e um pouco ali; para que fossem, e caíssem para trás, e fossem quebrantados, e enlaçados, e presos. Isaías 28:13.

E muitos dentre eles tropeçarão, e cairão, e serão quebrantados, e enlaçados, e presos. Isaías 8:15.

Sinais

No capítulo vinte e quatro de Ezequiel, o período que começa com o cerco e a morte da esposa de Ezequiel — o desejo dos seus olhos — termina com a morte de Jerusalém — o desejo dos olhos de Israel. O cerco de um ano e meio contém a assinatura do Alfa e Ômega, e o período começa e termina com um sinal. Como em Ezequiel vinte e quatro, Jesus identifica o sinal do cerco em Mateus vinte e quatro.

“As palavras de Cristo foram proferidas aos ouvidos de grande número de pessoas; mas, quando Se achou a sós, Pedro, João, Tiago e André vieram a Ele, estando assentado no Monte das Oliveiras. ‘Dize-nos’, disseram eles, ‘quando serão essas coisas? e que sinal haverá da Tua vinda e do fim do mundo?’ Jesus não respondeu a Seus discípulos tratando separadamente da destruição de Jerusalém e do grande dia de Sua vinda. Ele entrelaçou a descrição desses dois acontecimentos. Se lhes houvesse revelado os acontecimentos futuros como Ele os contemplava, eles não teriam podido suportar a visão. Em misericórdia para com eles, fundiu a descrição das duas grandes crises, deixando aos discípulos o encargo de estudarem por si mesmos o significado. Quando Se referiu à destruição de Jerusalém, Suas palavras proféticas se estenderam além desse acontecimento, até a conflagração final naquele dia em que o Senhor Se levantará de Seu lugar para punir o mundo por sua iniquidade, quando a terra descobrirá o seu sangue e não mais encobrirá os seus mortos. Todo esse discurso foi proferido, não somente para os discípulos, mas para os que haveriam de viver nas últimas cenas da história desta Terra.”

“Voltando-Se para os discípulos, Cristo disse: ‘Acautelai-vos, para que ninguém vos engane. Porque muitos virão em Meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo; e enganarão a muitos.’ Muitos falsos messias aparecerão, pretendendo operar milagres e declarando que chegou o tempo do livramento da nação judaica. Estes desencaminharão a muitos. As palavras de Cristo se cumpriram. Entre a Sua morte e o cerco de Jerusalém, muitos falsos messias apareceram. Mas esta advertência foi dada também àqueles que vivem nesta era do mundo. Os mesmos enganos praticados antes da destruição de Jerusalém têm sido praticados ao longo dos séculos, e tornarão a ser praticados.”

“E ouvireis de guerras e de rumores de guerras; vede, não vos assusteis; porque é necessário que tudo isso aconteça, mas ainda não é o fim.’ Antes da destruição de Jerusalém, os homens lutavam pela supremacia. Imperadores foram assassinados. Aqueles que se supunha estarem

junto ao trono foram mortos. Houve guerras e rumores de guerras. ‘É necessário que tudo isso aconteça’, disse Cristo, ‘mas ainda não é o fim [da nação judaica como nação]. Porque se levantará nação contra nação, e reino contra reino, e haverá fomes, e pestes, e terremotos, em vários lugares. Tudo isto é o princípio das dores.’ Cristo disse: Ao verem estes sinais, os rabinos os declararão juízos de Deus sobre as nações por manterem em servidão o Seu povo escolhido. Declararão que estes sinais são o sinal da vinda do Messias. Não sejais enganados; eles são o princípio de Seus juízos. O povo tem atentado para si mesmo. Não se arrependeu nem se converteu para que Eu o curasse. Os sinais que eles apresentam como sinais de seu livramento da servidão são sinais de sua destruição.” O Desejado de Todas as Nações, 628.

O cerco de Jerusalém no ano 66 continha o sinal de Roma colocar os seus estandartes no recinto do santuário. O comentário de Jesus sobre os acontecimentos do período de 66 a 70 alinhou a destruição do ano 70 com a Sua Segunda Vinda; e há um sinal associado à Sua Segunda Vinda.

“Logo os nossos olhos foram atraídos para o Oriente, pois uma pequena nuvem negra aparecera, de cerca de metade do tamanho da mão de um homem, a qual todos sabíamos ser o Sinal do Filho do Homem.” The Day Star, 1846.

O início e o fim da história de 66 a 70 d.C. contêm um sinal associado ao começo do cerco e à destruição da cidade, que se harmoniza com o sinal do alfa e ômega da morte do desejo dos olhos em 587 a.C. e 586 a.C.

A história do cerco de um ano e meio é um “sinal” para os últimos dias. As virgens néscias representadas na história de Ezequiel encontram seu correspondente na história das virgens prudentes que viram o sinal do cerco no ano 66 e fugiram para lugar seguro. O cerco de um ano e meio é o sinal que manifesta duas classes de adoradores. Uma classe compreenderá o sinal; a outra classe, representada como “muitos” por Isaías, não verá nem ouvirá.

Muitos e Poucos

Então disse o rei aos servos: Amarrai-o de pés e mãos, levai-o, e lançai-o nas trevas exteriores; ali haverá choro e ranger de dentes. Porque muitos são chamados, mas poucos, escolhidos. Mateus 22:13, 14.

Assim, os últimos serão primeiros, e os primeiros serão últimos; porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos. Mateus 20:16.

Ver e Ouvir

Há cinco parábolas encenadas no livro de Ezequiel e também cinco ocasiões em que Ezequiel falou aos líderes e ao povo. Essas duas testemunhas identificam as cinco virgens insensatas que se recusam a “ver” e se recusam a “ouvir”. Elas se recusam a ver ou a ouvir o conhecimento que é aumentado quando Jesus, que como o Leão da tribo de Judá, descerra a Sua Palavra profética.

O Mundo Verá e Ouvirá

Vós, todos os habitantes do mundo, e moradores da terra, vede, quando ele arvorar um estandarte sobre os montes; e, quando tocar a trombeta, ouvi. Isaías 18:3.

E naquele dia os surdos ouvirão as palavras do livro, e os olhos dos cegos verão dentro a obscuridade, e dentro as trevas. Isaías 29:18.

O Meu Povo Insensato e Estulto não tem Conhecimento

Até quando verei o estandarte e ouvirei o som da trombeta? Porque o meu povo é insensato, não me conhece; são filhos néscios e não têm entendimento; são sábios para fazer o mal, mas para fazer o bem não têm conhecimento. Jeremias 4:21, 22.

Anunciai isto na casa de Jacó, e publicai-o em Judá, dizendo: Ouvi agora isto, ó povo insensato e sem entendimento; que tendes olhos e não vedes; que tendes ouvidos e não ouvis. Jeremias 5:20, 21.

Uma Casa Rebelde

Veio ainda a mim a palavra do Senhor, dizendo: Filho do homem, tu habitas no meio de uma casa rebelde, que tem olhos para ver e não vê, e tem ouvidos para ouvir e não ouve; porque é uma casa rebelde. Ezequiel 12:1, 2.

Por isso lhes falo por parábolas; porque, vendo, não veem; e, ouvindo, não ouvem nem entendem. E neles se cumpre a profecia de Isaías, que diz: Ouvindo, ouvireis, e de modo nenhum entendereis; e, vendo, vereis, e de modo nenhum percebereis. Porque o coração deste povo se tornou endurecido, e com os ouvidos ouviram pesadamente, e fecharam os seus olhos; para que nunca vejam com os olhos, nem ouçam com os ouvidos, nem entendam com o coração, nem se convertam, e eu os cure.

Bem-aventurados, porém, os vossos olhos, porque veem; e os vossos ouvidos, porque ouvem. Porque em verdade vos digo que muitos profetas e justos desejaram ver as coisas que vedes e não as viram; e ouvir as coisas que ouvis e não as ouviram. Mateus 13:13–17.

As Veredas Antigas

Assim diz o Senhor: Ponde-vos nos caminhos, e vede, e perguntai pelas veredas antigas, qual é o bom caminho, e andai por ele, e achareis descanso para a vossa alma. Mas eles disseram: Não andaremos por ele. Também pus atalaias sobre vós, dizendo: Escutai o som da trombeta. Mas eles disseram: Não escutaremos. Jeremias 6:16, 17.

A Mensagem de 1840–1844

“Todas as mensagens dadas de 1840 a 1844 devem ser agora apresentadas com vigor, pois há muitas pessoas que perderam sua orientação. As mensagens devem ir a todas as igrejas.

“Cristo disse: ‘Bem-aventurados os vossos olhos, porque veem; e os vossos ouvidos, porque ouvem. Pois em verdade vos digo que muitos profetas e justos desejaram ver estas coisas que vós vedes, e não as viram; e ouvir estas coisas que vós ouvis, e não as ouviram’ [Mateus 13:16,

17]. Bem-aventurados os olhos que viram as coisas que foram vistas em 1843 e 1844.

“A mensagem foi dada. E não deve haver demora em repetir a mensagem, pois os sinais dos tempos estão-se cumprindo; a obra final deve ser realizada. Uma grande obra será feita em pouco tempo. Em breve, por designação de Deus, será dada uma mensagem que se avolumará até tornar-se um alto clamor. Então Daniel estará em seu lugar, para dar seu testemunho.”
Manuscript Releases, volume 21, 437.

O Sinal do Cerco

Há cinco ocasiões no livro de Ezequiel em que ele “representou” uma parábola que o povo se recusou a ver, e também cinco ocasiões em que ele “falou” com aquele povo, que se recusou a ouvir. As duas testemunhas da parábola representada e da fala foram apresentadas às cinco virgens loucas. Uma das parábolas representadas, situada no capítulo quatro, representa o “sinal” do cerco, que adverte da destruição vindoura. A mensagem de Ezequiel é a mensagem para Laodiceia.

O “sinal” dado para Laodiceia é o ‘sinal do cerco’, e o cerco dos últimos dias é representado por várias testemunhas. O único sinal dado aos judeus nos dias de Cristo foi o sinal de Jonas, que representa uma parábola encenada de três dias no ventre de uma baleia.

Então alguns dos escribas e dos fariseus responderam, dizendo: Mestre, queremos ver da tua parte um sinal. Mas ele, respondendo, disse-lhes: Uma geração má e adúltera pede um sinal; e nenhum sinal lhe será dado, senão o sinal do profeta Jonas; pois, assim como Jonas esteve três dias e três noites no ventre da baleia, assim estará o Filho do homem três dias e três noites no coração da terra. Mateus 12:38–40.

O Sinal de Jonas

O sinal de Jonas foi uma parábola encenada de uma ressurreição dentre os mortos. João representa a mesma verdade, pois foi lançado em uma caldeira de óleo fervente e dela saiu vivo. Daniel na cova dos leões e os três varões ilustres na fornalha de Nabucodonosor representam uma ressurreição dentre os mortos. Todos representam os cento e quarenta e quatro mil que são ressuscitados em Apocalipse, capítulo onze.

“Os pensamentos do Salvador voltaram então da contemplação do passado e do futuro. Enquanto o povo se esforçava por explicar o que havia visto e ouvido segundo as impressões produzidas em sua mente, e segundo a luz que possuíam, ‘Jesus respondeu e disse: Esta voz não veio por amor de mim, mas por amor de vós.’ Era a prova culminante de Seu messiado, o sinal do Pai de que Jesus havia proferido a verdade e era o Filho de Deus. Voltariam os judeus as costas a esse testemunho do alto Céu? Outrora haviam perguntado ao Salvador: Que sinal nos mostras, para que vejamos e creiamos? Inumeráveis sinais lhes haviam sido dados durante todo o ministério de Cristo; contudo, haviam fechado os olhos e endurecido o coração para não serem convencidos. O milagre culminante da ressurreição de Lázaro não removeu sua incredulidade, mas os encheu de malícia ainda maior; e agora que o Pai havia falado, e não podiam pedir nenhum outro sinal, seu coração não se enterneceu, e ainda recusavam crer.”
Spirit of Prophecy, volume 3, 79.

Lázaro foi o sinal da ressurreição, tal como encenada por Jonas no ventre da baleia. A voz do Pai em conexão com o Lázaro ressuscitado representa a combinação da Divindade com a humanidade, que é, naturalmente, a natureza de Cristo, que tomou sobre Si a carne humana. A combinação da Divindade com a humanidade é o estandarte dos cento e quarenta e quatro mil, e Lázaro é o sinal do poder da ressurreição que realiza a união do Criador com a criatura.

“Pela ressurreição de Lázaro, muitos foram levados a crer em Jesus. Fazia parte do plano de Deus que Lázaro morresse e fosse posto no túmulo antes que o Salvador chegasse. A ressurreição de Lázaro foi o milagre culminante de Cristo, e, por causa dele, muitos glorificaram a Deus.” Manuscript Releases, volume 21, 111.

Lázaro liderou a entrada triunfal em Jerusalém, e ele era o “sinal” vivo da ressurreição ilustrada por Jonas.

“Lázaro, cujo corpo havia conhecido a corrupção no sepulcro, mas que agora se regozijava na força da gloriosa varonilidade, conduzia o animal sobre o qual o Salvador cavalgava.” O Desejado de Todas as Nações, 572.

A entrada triunfal corresponde à reunião campal de Exeter, que foi o cumprimento alfa da parábola das dez virgens, e assim alinha o “sinal” de Jonas e Lázaro com o ômega e cumprimento perfeito da proclamação da mensagem: “Eis que o Esposo vem!”

“Frequentemente me remetem à parábola das dez virgens, cinco das quais eram prudentes, e cinco loucas. Esta parábola foi e será cumprida à própria letra, pois tem uma aplicação especial para este tempo e, como a mensagem do terceiro anjo, foi cumprida e continuará a ser verdade presente até o fim do tempo.” Review and Herald, 19 de agosto de 1890.

Jonas, Lázaro e Samuel Snow, chegando tarde à reunião campal de Exeter, alinham-se com o “sinal do cerco” de Ezequiel. Lázaro conduziu Cristo a Jerusalém sobre um jumento.

“Bates foi um dos líderes importantes na reunião campal de Exeter (New Hampshire), em agosto de 1844, quando o ‘verdadeiro clamor da meia-noite’ foi apresentado pela primeira vez. Aconteceu que Bates era o pregador escolhido para o culto daquela manhã no acampamento. Ele exortava seus ouvintes a serem fiéis e os assegurava calmamente de que Deus estava simplesmente pondo-os à prova, de que se encontravam no tempo de tardança, e expressava sentimentos semelhantes, quando Samuel S. Snow entrou a cavalo no acampamento. Tomando assento ao lado de sua irmã, Sra. John Couch, Snow reiterou sua convicção de que Cristo apareceria no tempo designado. Profundamente comovida, a Sra. Couch sobressaltou o auditório ao levantar-se e declarar: ‘Eis aqui um homem com uma mensagem de Deus!’” Leroy Froom, The Prophetic Faith of our Fathers, volume 4, 549.

Em abril de 1521, Martinho Lutero viajou numa carroça puxada por cavalos para a Dieta de Worms, onde rejeitou as tradições e os costumes papais e declarou: “A menos que eu seja convencido pelo testemunho das Escrituras ou por clara razão... não posso nem quero retratar-me de coisa alguma, visto que não é seguro nem correto agir contra a consciência. Aqui estou. Não posso fazer outra coisa. Deus me ajude. Amém.”

Assim como os fariseus se opuseram à entrada triunfal de Cristo, as autoridades papais se opuseram à entrada de Lutero. Lutero então mudou seu nome (um símbolo do selamento) e foi ocultado enquanto traduzia o Novo Testamento para a língua alemã. Sua apresentação na Dieta de Worms tipificou o Clamor da Meia-Noite, que conduziu ao decreto de morte por parte das autoridades eclesiástico-estatais daquele tempo, tipificando assim a lei dominical. Após dez meses escondido sob o nome de “Junker Jörg”, a ameaça por parte das autoridades havia mudado, em grande medida, para dois problemas militares enfrentados pelo corrupto Carlos V. Essas duas ameaças militares eram a França e o islamismo, representando a mesma aliança profana entre o socialismo e o islamismo que hoje confronta a humanidade.

“A obra de Deus na Terra apresenta, de era em era, notável semelhança em toda grande reforma ou movimento religioso. Os princípios do procedimento de Deus para com os homens são sempre os mesmos. Os importantes movimentos do presente têm seu paralelo nos do passado, e a experiência da igreja nos séculos anteriores tem lições de grande valor para o nosso próprio tempo.” O Grande Conflito, 343.

Uma jumenta conduzida por Lázaro trouxe Cristo a Jerusalém, uma carruagem puxada por cavalos levou Lutero à Dieta de Worms, e um cavalo levou Snow à reunião campal de Exeter, identificando assim a jumenta e o cavalo, ambos membros da família “Equidae”, no gênero “Equus”, como o sinal da mensagem do Clamor da Meia-Noite.

Alegre-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém: eis que o teu Rei vem a ti; justo e salvador, humilde, e montado sobre um jumento, e sobre um jumentinho, filho de jumenta. Zacarias 9:9.

O sinal da mensagem do Clamor da Meia-Noite é a chegada do jumento ou do cavalo, ambos símbolos do islamismo. O mensageiro escolhido da verdadeira mensagem do clamor da meia-noite chegou montado num cavalo, em conformidade com Cristo chegando montado num jumento. O “cerco” nos últimos dias é assinalado pelo cumprimento da identificação feita por Ellen White de que a cidade de Nashville deve ser atingida por “bolas de fogo”.

Por que o cerco começa nas bolas de fogo de Nashville? Será porque o Islã é representado pelo jumento e pelo cavalo na Palavra profética de Deus?

Esmirna

O imperador Nero assinala o início da igreja de Esmirna quando a cidade de Roma foi incendiada no ano 64. A data assinala o início da perseguição à igreja cristã, levada a cabo ao longo de um período de duzentos e cinquenta anos que se concluiu com o Édito de Milão no ano 313. A formação da imagem da besta representa o waymark alfa, que introduz um período que termina com um waymark ômega representado pela marca da besta na lei dominical prestes a vir. O período é identificado como tendo início com “éditos”.

“Se o leitor quiser compreender os agentes a serem empregados no conflito prestes a sobrevir, basta-lhe seguir o registro dos meios que Roma empregou para o mesmo objetivo em eras passadas. Se quiser saber como papistas e protestantes unidos tratarão os que rejeitam os seus

dogmas, veja ele o espírito que Roma manifestou para com o sábado e os seus defensores.

“Editos reais, concílios gerais e ordenanças eclesiásticas sustentados pelo poder secular foram os passos pelos quais a festa pagã alcançou sua posição de honra no mundo cristão. A primeira medida pública que impôs a observância do domingo foi a lei promulgada por Constantino. (A.D. 321; ver nota do Apêndice para a página 53.) Esse edito exigia que os habitantes das cidades descansassem no ‘venerável dia do sol’, mas permitia que os do campo continuassem em suas ocupações agrícolas. Embora fosse, na realidade, um estatuto pagão, foi posto em vigor pelo imperador após sua aceitação nominal do cristianismo.” O Grande Conflito, 574.

O primeiro édito real que assinalou uma transição da igreja de Esmirna para a igreja de Pérgamo foi o Édito de Milão, em 313. Ele representou o primeiro passo que conduziu à primeira lei dominical de 321. A destruição de Jerusalém tipifica a lei dominical, e duas testemunhas proféticas identificam um cerco que precedeu a destruição. Esses dois cercos, representados pelo terceiro cerco de Babilônia, em 587 a.C., e pelo segundo cerco de Roma, no ano 70, identificam que o marco que precede o marco da lei dominical é um cerco profético.

Nabucodonosor sitiou Jeoaquim, depois Joaquim e, por fim, Zedequias. Céstio sitiou no ano 66 e cumpriu o sinal que Jesus dera à igreja, assim como o terceiro cerco de 587 a.C. possuía o sinal da morte da esposa de Ezequiel. O marco que precede a destruição de Jerusalém é um cerco, e é também um “sinal”. O marco que precedeu a lei dominical de 321 foi o Édito de Milão, em que se deu a transição de uma igreja (Esmirna) que não tem condenação para Pérgamo, o símbolo de uma igreja comprometida.

O Édito de Milão é, portanto, o início de um cerco profético, e é também um sinal. Marca também o ponto em que o movimento laodiceano dos cento e quarenta e quatro mil faz a transição para o movimento filadelfiano dos cento e quarenta e quatro mil.

Filadélfia e Esmirna representam as únicas duas igrejas, entre as sete igrejas do Apocalipse, que não têm condenação. Esse fato, por sua vez, identifica essa transição como a transição da igreja militante para a igreja triunfante. Essa transição está em harmonia com o Édito de Milão, em que o movimento do tempo do fim dos cento e quarenta e quatro mil se torna aquela oitava igreja, que é das sete. Filadélfia e Esmirna são também as únicas duas igrejas que lutam com aqueles que afirmam ser judeus, mas na verdade são da sinagoga de Satanás.

Esse waymark de 313 também se alinha com a reunião campal de Exeter, de 12 a 17 de agosto de 1844. Quando a reunião campal terminou, a mensagem varreu a costa leste dos Estados Unidos como uma onda de maré, até que a porta se fechou em 22 de outubro de 1844.

“Como uma onda de maré, o movimento varreu a terra. De cidade em cidade, de aldeia em aldeia, e até aos lugares remotos do campo ele avançou, até que o povo expectante de Deus foi plenamente despertado. O fanatismo desapareceu diante dessa proclamação como a geada matutina diante do sol nascente. Os crentes viram sua dúvida e perplexidade removidas, e a esperança e a coragem animaram seu coração. A obra estava livre daqueles extremos que sempre se manifestam quando há excitação humana sem a influência controladora da palavra e do Espírito de Deus. Era semelhante, em caráter, àquelas épocas de humilhação e de retorno ao

Senhor que, entre o antigo Israel, se seguiam às mensagens de repreensão vindas de Seus servos. Trazia as características que assinalam a obra de Deus em todas as eras. Havia pouca alegria extática, mas, antes, profundo esquadrihar do coração, confissão de pecado e renúncia ao mundo. Uma preparação para encontrar o Senhor era o fardo de espíritos angustiados. Havia oração perseverante e consagração irrestrita a Deus.” O Grande Conflito, 400, 401.

A porta que se fechou em 22 de outubro de 1844 tipifica a lei dominical que em breve virá, e o marco que precedeu a porta fechada de 22 de outubro foi a reunião campal de Exeter. A reunião campal de Exeter, portanto, alinha-se com o Edito de Milão. Ela também se alinha com a entrada triunfal de Cristo.

“O clamor da meia-noite não foi tanto levado por argumentação, embora a prova das Escrituras fosse clara e conclusiva. Ia com ele um poder impelente que movia a alma. Não havia dúvida, nem questionamento. Por ocasião da entrada triunfal de Cristo em Jerusalém, o povo que se havia reunido de todas as partes da terra para celebrar a festa acorreu ao Monte das Oliveiras, e, ao unir-se à multidão que escoltava Jesus, foi tomado pela inspiração da hora e ajudou a avolumar o brado: ‘Bendito o que vem em nome do Senhor!’ [Mateus 21:9.] De igual modo, os incrédulos que acorriam às reuniões adventistas — alguns por curiosidade, outros meramente para zombar — sentiam o poder convincente que acompanhava a mensagem: ‘Eis que o Noivo vem!’” Spirit of Prophecy, volume 4, 250.

O Edito de Milão assinala o cerco profético que foi tipificado por Nabucodonosor em 587 a.C. e por Céstio no ano 66. Esses dois cercos conduziram à destruição de Jerusalém em 586 a.C. e 70, respectivamente. O cerco de Céstio terminou e, três anos e meio depois, o cerco foi retomado sob Tito, proporcionando assim um período profético que começa com um governante romano alfa e termina com um governante ômega. Esses três anos e meio representam o pisoteamento de Jerusalém pelo papado, e a lei dominical que em breve virá, quando a ferida mortal do papado for curada e ela reinar novamente por três anos e meio simbólicos.

Mas deixa de fora o átrio que está fora do templo, e não o meças; porque foi dado aos gentios; e eles pisarão a cidade santa por quarenta e dois meses. Apocalipse 11:2.

Em 538, e depois novamente por ocasião da futura lei dominical, tem início o pisoteamento de Jerusalém. Essas duas leis dominicais foram representadas pelo ano 321, quando Constantino, o Grande, promulgou a primeira lei dominical. Em 538, o papado foi capacitado a perseguir (pisotear) a igreja de Deus por três anos e meio, conforme representado pela história de Céstio a Tito. Em 538, o papado promulgou uma lei dominical no terceiro Concílio de Orleães. A lei dominical que em breve virá identifica o momento em que o papado é novamente capacitado a pisotear o templo (perseguir).

313 identifica o primeiro édito que conduziu à primeira lei dominical em 321. Então, em 330, o império foi profeticamente dividido em Oriente e Ocidente, marcando assim a conclusão ômega do segundo período da perseguição papal de “quarenta e dois” meses simbólicos — um período de perseguição e pisoteamento que começou na lei dominical alfa nos Estados Unidos.

E o terceiro anjo seguiu-os, dizendo com grande voz: Se alguém adorar a besta e a sua imagem, e receber o seu sinal na testa ou na mão, também esse beberá do vinho da ira de Deus, que se deitou, sem mistura, no cálice da sua indignação; e será atormentado com fogo e enxofre diante dos santos anjos e diante do Cordeiro. E a fumaça do seu tormento sobe pelos séculos dos séculos; e não têm repouso nem de dia nem de noite os que adoram a besta e a sua imagem, e aquele que recebe o sinal do seu nome. Aqui está a paciência dos santos; aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus. Apocalipse 14:9–12.

A Planície

O significado latino de “Milão” é o meio da planície. No meio do oriente e do ocidente, no ano 313, Constantino, do ocidente, buscou uma aliança com Licínio, do oriente. O édito representou a tentativa de unir oriente e ocidente, e o édito foi ratificado, por um casamento de tratado, quando Constância, meia-irmã de Constantino, casou-se com Licínio. Contudo, assim como o primeiro casamento de tratado de Daniel onze entre os selêucidas do norte e Ptolomeu do sul, o casamento estava destinado ao fracasso, à medida que se cumpria o antigo adágio que diz: “o oriente é o oriente, e o ocidente é o ocidente, e jamais os dois se encontrarão.”

O ano “330” é apresentado diretamente em Daniel onze, versículos vinte e quatro, vinte e sete e vinte e nove. Isso introduz os dezessete anos de 313 até 330 na linha profética de Daniel onze e, por necessidade profética, identifica aquele casamento por tratado do leste e do oeste, em 313, como um paralelo ao primeiro casamento por tratado no mesmo capítulo.

“A profecia do capítulo onze de Daniel quase alcançou seu completo cumprimento. Grande parte da história que ocorreu em cumprimento desta profecia se repetirá.” Manuscript Releases, número 13, p. 394.

Antíoco II Theos, que reinou de 261 a 246 a.C., repudiou sua primeira esposa, Laódice I, por causa de Berenice, filha de Ptolomeu II Filadelfo, do Egito. O casamento fazia parte do acordo de paz que pôs fim à Segunda Guerra Síria, em 252 a.C. Quando Constantino posteriormente derrotou Licínio, em 324, o casamento chegou ao fim, assim como chegou ao fim o casamento de Antíoco e Berenice, quando Laódice, a primeira esposa, envenenou Antíoco, em 246 a.C. O casamento que havia assinalado o fim da Segunda Guerra Síria, e o assassinato de Antíoco, e posteriormente de Berenice, de seu filho e de sua comitiva egípcia assinalaram o início da Terceira Guerra Síria. O casamento de tratado de 313 pôs fim ao período de perseguição representado pela igreja de Esmirna e deu início ao período de compromisso representado pela igreja de Pérgamo.

O casamento no início da história selêucida tipificava o casamento de tratado no fim do império selêucida, quando Antíoco, o Grande, deu sua filha Cleópatra I a Ptolomeu V Epifânio. O casamento ocorreu em Ráfia, em 193 a.C., mas a aliança logo se desfez, assim como havia acontecido com o primeiro casamento de tratado entre o rei do norte e o rei do sul. Os casamentos de tratado alfa e ômega do império selêucida tipificam o casamento de tratado assinalado mais tarde na história profética de Daniel onze, quando Otaviano deu sua irmã Otávia, a Menor, a Marco Antônio em 40 a.C. Marco Antônio e Otaviano estavam em uma luta pelo poder sobre as regiões orientais e ocidentais de Roma, que eclodira em 44 a.C. com o assassinato de Júlio César. O tratado

de Brundísio foi estabelecido por ocasião do casamento, em 40 a.C., e, oito anos depois, em 32 a.C., Marco Antônio divorciou-se formalmente de Otávia e precipitou a batalha de Ácio, em 31 a.C., onde tanto Marco Antônio quanto Cleópatra (a derradeira Cleópatra) chegaram ao seu fim.

O tratado matrimonial ômega do império selêucida introduziu a primeira Cleópatra, que tipificou a última Cleópatra, cuja linhagem formou o elo com o tratado matrimonial alfa profético do império romano em 40 a.C. Esses três casamentos de tratado tipificam o casamento de tratado do Édito de Milão. O Édito de Milão assinala o início de um cerco profético; representa um sinal profético; assinala uma transição de uma igreja justa para uma igreja injusta, alinhando-se, assim, com o enigma do oitavo ser dos sete. Assinala um casamento de tratado que põe fim a uma guerra, até o divórcio do casamento de tratado, assinalando, assim, o início de uma guerra. Nos dois casamentos romanos, o divórcio precipita a unificação do império. 313 também assinala a reunião campal de Exeter, onde a proclamação da mensagem do Clamor da Meia-Noite começa e conduz à porta fechada de 22 de outubro.

Continuaremos a considerar estas verdades no próximo artigo.